

Manuel Ralha

JOGO TARDIO

Ficha Técnica

Título
Jogo tardio

Autor
Manuel Ralha

Capa
Grácio Editor

Coordenação Editorial
Rui Alexandre Grácio

Design gráfico e paginação
Grácio Editor

Impressão e acabamento
Tipografia Lousanense

1ª edição: Julho de 2010

ISBN: 978-989-8377-04-3

Dep. Legal:

© Rui Grácio
Av. Emídio Navarro, n.º 93, 2.ª Sala E
3000-151 Coimbra
e-mail: editor@ruigracio.com
sítio: www.ruigracio.com

Reservados todos os direitos

A meus pais

“O genuíno mérito de Copérnico ou de Darwin não foi a descoberta de uma teoria verdadeira, mas de um novo e fértil ponto de vista.”

Ludwig Wittgenstein (1889-1951)
Cultura e Valor [1931]

不知言、無以知人也

“Sem entender as palavras, não é possível conhecer os homens.”

Confúcio (551 a.C. - 479 a.C.)
Analecta

1. Susceptibilidade

Grande Porto, Junho de 2005.

Acompanhados por um magnífico par de cisnes, os patos, vagamente agrupados, deslizavam com placidez na superfície do lago. Na sua esplêndida reprodução da natureza, integrando-se na paisagem com harmonia, os lagos eram os elementos mais atraentes do Parque da Cidade. Exibindo a sua indiferença, os palmípedes salpicavam de branco a paisagem, avançando com o seu característico e invejável vagar; os cisnes com mais elegância e majestade. A vasta área de vegetação e sobretudo o frondoso arvoredo faziam com que a presença visual e o tumulto urbano se extinguissem quase por completo. Enquanto a tarde se ia estafando, a afluência ao Parque era cada vez maior, sobretudo dos que buscavam os benefícios do exercício físico, em especial do *jogging*, muito em voga, dentro da disponibilidade possível de mais um dia de trabalho.

Esse não era de todo o caso de Helder que, para além de não ser particularmente sensível aos atractivos da natureza, gostava de deambular sem pressa, o que acontecia já há uns bons trinta minutos. Em pouco tempo, durante a primeira quinzena de Junho, já dera consigo a passear ali, para sua surpresa, ou talvez não, umas quatro ou cinco vezes. A verdade era que ali conseguia abstrair-se com facilidade de tudo aquilo que o irritava nos últimos tempos e que o levava a implicar com tudo e com todos. Não era a pura contemplação do excelente ambiente natural que o fazia vaguear pelo jardim ou ficar longo tempo sentado a olhar fixamente o lago. Claro que tudo isso era agradável, mas para lá desse facto era aquele o cenário ideal para que os seus pensamentos se desligassem da voragem que lhe parecia ser o incessante combate do seu quotidiano.

No Parque libertava-se do tumulto das solicitações que de manhã à noite o conectavam com a chamada «vida real», da compulsão constante para responder aos mecanismos que a sua situação lhe impunha, uns mais inofensivos que outros, alguns impreteríveis. Para além disso, ali desvanecia-se a imperiosa relação comercial com o mundo, o inexorável apelo à potencial transacção, a persistência da omnipresente sedução publicitária. Talvez fosse o sítio mais propício para que isso pudesse acontecer, já que mesmo em casa com a família não deixava de estar grande parte do tempo “sintonizado”, voluntária ou involuntariamente, com a televisão ou com a *Internet*. Não obstante a avenida que o trazia ao Parque, depois de se despojar dos enormes cartazes publicitários, oferecesse, mesmo ali ao lado, com profusão, a espaços quase equidistantes, meninas

que negociavam os seus encantos... era seguro que, uma vez nos jardins, a transformação era absoluta: sentia que nada o constrangia ou reques-tava, frontal ou sub-repticiamente, a sua interacção. Uma sensação de liberdade, ou pelo menos, sem quaisquer dúvidas, de libertação da super-fluidade das sugestões e estímulos mediáticos, mais ou menos *pavlovianos*, disseminados à saciedade. Era, no fim de contas, desse desprendimento que Helder parecia precisar. Para poder reflectir com menos custo. Para pensar, em campo neutro, *em si próprio e na sua condição...*

Até na empresa, nos espaços partilhados, lá estava o incansável rádio num insolente ruído de fundo, apanágio da modernidade, oferecendo o inevitável matraquear periódico dos anunciantes.

Helder, aos quarenta e um anos, não se coibia de dizer – em tom jocoso, às vezes com algum cinismo – que ao entrar nos quarenta contraíra, pouco tempo depois, uma *afecção* própria da meia-idade, cada vez mais comum em certas faixas sociais contemporâneas: a resistência à persuasão social. Resistência causada pela «sociedade hipercompetitiva» do seu tempo. Reacção à excessiva proliferação dos meios e dispositivos de persuasão cujo único objectivo era que ele se relacionasse tanto quanto possível com o desenfreado processo comercial. Até ali tudo lhe parecera natural. Ainda que se apercebesse do exagero, da espectacularidade, da dramatização, do fascínio, entendia a lógica dos mercados, da concorrência, da sociedade... Todavia, a partir de determinada altura tudo isso começou a parecer-lhe aberrante e a incomodá-lo. E quanto mais as mensagens fossem perfeitas e inspiradoras, quanto mais bem sucedida fosse a sedução, maior tendência para a rejeição Helder sentia. Até acabar por contrair toda a sintomatologia correspondente à sua situação psicológica: irritabilidade, discordância sistemática, propensão misantrópica, desconfiança generalizada, insatisfação, enfim, um quadro deplorável. Só a identificação das causas, através da sua insistente reflexão, lhe trazia algum agrado. Já muito antes notara aqueles comportamentos em outras pessoas, sem nunca ter dado grande importância. A questão era que desta vez se tratava dele próprio!

Imerso nos seus pensamentos, de repente, após entrar numa outra vereda, apercebe-se que um veloz corredor vem direito a ele. Com a velocidade que o anima e o ar maciço que aparenta, se embater no corpo, ainda que alto mas pouco robusto de Helder, pode ser desastroso. Encaram-se confusos, tentando adivinhar qual dos dois irá mudar a trajectória. O atleta reduz energicamente a passada, mas é notório que não vai conseguir estacar em tempo útil. No último momento Helder desvia-se com destreza. Depois de o ultrapassar, o desconhecido, retomando o passo,